

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ÉTICA NO TRACTATUS DE WITGENSTEIN

Raimundo Nonato Araujo Portela Filho*, Carmem Maria Almeida Portela. *raimundo.portela@bol.com.br
Professores do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Palavras-chave: Ética, Wittgenstein, Tractatus

Introdução

Durante longo tempo, e ainda atualmente, há leitores que consideram o *Tractatus Logico-Philosophicus*, doravante denominado *Tractatus*, de autoria do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, somente como um livro de lógica e seu autor como um neopositivista. Contudo, Wittgenstein não foi um neopositivista. Havia pontos comuns entre a análise lógica da linguagem realizada pelos neopositivistas e a de Wittgenstein, entretanto havia também muitas diferenças entre eles. Segundo Engelmann (1967), Wittgenstein tinha algo de grande relevância em comum com os neopositivistas, ou seja, tinha estabelecido a linha demarcatória entre o que se pode falar e o que se deve calar, o que também eles fizeram. A diferença é apenas que eles não tinham nada sobre o que deveriam calar. Para o neopositivismo, aquilo de que podemos falar é tudo o que conta na vida. Wittgenstein, por sua vez, acredita resolutamente que tudo o que importa na vida humana é aquilo sobre o qual, na sua perspectiva, devemos nos calar. Em uma carta ao editor von Ficker Wittgenstein assevera que o sentido do *Tractatus* é um sentido ético. Ademais, ele diz que o *Tractatus* consiste em duas partes: a parte que nele está assim como tudo aquilo que ele não escreveu. É precisamente essa segunda parte a relevante para ele. O objetivo dessa pesquisa é abordar alguns aspectos da Ética no *Tractatus* de Wittgenstein.

Resultados e Discussão

Wittgenstein, em carta ao filósofo Bertrand Russell, de 18.08.1919, declara que o ponto principal do *Tractatus* é a teoria do que pode ser dito pelas proposições, ou seja, pela linguagem, e o que não pode ser dito por proposições, mas somente mostrado. A linguagem empreende uma função descritiva da realidade, visto que a proposição genuína refere-se somente a fatos possíveis e existentes, bem como à combinação dos fatos no mundo, às situações que ocorrem de modo accidental. Torna-se necessário examinar a natureza das proposições éticas para considerarmos a possibilidade de incluí-las ou não entre as proposições com sentido. Se a proposição não descreve um estado de coisas existente ou possível, então ela carece de sentido. Torna-se preciso encontrar, se houver, uma maneira de lidar com proposições que se referem à esfera dos valores. A palavra valor ocorre duas vezes no Prefácio e reaparece apenas no final da obra, na proposição 6.4, quando Wittgenstein sustenta que todas as proposições tem igual valor. Se o valor aqui envolvido é o valor ético, este aforismo poderia ser reformulado assim: todas as proposições são de igual valor porque não possuem qualquer valor. E a partir daí resultam pelo menos quatro relevantes conseqüências: 1) o sentido do mundo deve estar fora dele (prop. 6.41); 2) não pode haver proposições na Ética (prop.6.42). Todavia, isso não quer dizer que a Ética não exista. Ela aponta para

algo que, apesar de ser bastante importante em nossas vidas, não se deixa exprimir. A Ética pertence ao âmbito do sujeito metafísico (transcendental). 3) Se a ação moral, a boa ou má volição, é capaz de alterar o mundo de algum modo, então ela altera de maneira inexprimível os limites do mundo, não os fatos do mundo. 4) A solução do enigma da vida é dada por uma experiência mística que nos coloca fora do tempo.

Conclusões

Uma via pela qual podemos acessar a ética tractatiana consiste em admitirmos que a filosofia do *Tractatus* constitui-se de duas partes. Conforme Margutti Pinto (2006), a primeira delas é a escada lógica, a crítica da linguagem, que aborda os limites da linguagem e termina em silêncio, ao passo que a segunda é a escada ética, que corresponde à experiência de alistamento voluntário de Wittgenstein na primeira guerra mundial, colocando a própria vida em risco, na busca do sentido da vida e que termina na contemplação mística do eterno presente. A filosofia tractatiana envolve duas entidades fundamentais: o sujeito metafísico e o mundo, que estão um para o outro numa relação analógica, assim como o olho está para o seu campo visual. O olho não está no campo visual, porém, é seu limite. Analogamente, o sujeito metafísico não se encontra no mundo, mas é limite dele (prop. 5.632). Desse modo, apesar de não pertencerem ao mundo como conjunto de fatos, os valores pertencem ao sujeito metafísico como limite do mundo. A ética é uma dimensão do sujeito, que é condição transcendental de possibilidade do mundo. Daí Wittgenstein asseverar na proposição 6.421 que a Ética é transcendental. A vontade, enquanto fenômeno, é objeto da psicologia, mas, como portadora do ético, ela é transcendental e lida com valores em sentido absoluto.

REFERÊNCIAS

- CHAUVIRÉ, Christiane. *Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- DALL'AGNOL, Darley. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1995.
- ENGELMANN, Paul. *Letters from Ludwig Wittgenstein*, with a memoir. MC GUINNESS, B.F. (Org.). Oxford: Blackwell, 1967.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- JANIK, Allan (Org.). *Letters to Ludwig von Ficker*. Harvester Press, 1979.
- JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. A questão do sujeito transcendental em Wittgenstein. In: MORENO, Arley R. (Org.). *Wittgenstein: ética, estética e epistemologia*. Campinas: UNICAMP, Coleção CLE, v.43, 2006.
- VON WRIGHT, G.H. (Org.). *Letters to Russell, Keynes and Moore*. Oxford: Blackwell, 1974.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 2.ed.rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

